

# UC San Diego

## UC San Diego Previously Published Works

### Title

(Smart) cities: Plataformas de vivência experiencial; possibilidades e limitações estratégicas das cidades na contemporaneidade, uma reflexão sobre Cultura, Serviços, Valor humano e a Urbanidade.

### Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/3f46n855>

### ISBN

9781973498636

### Author

Manenti, Diogo Zapparoli

### Publication Date

2017-04-01

Peer reviewed

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/316461184>

# 1 – (Smart) cities: Plataformas de vivência experiencial; possibilidades e limitações estratégicas das cidades na...

Chapter · March 2017

---

CITATIONS

0

READS

9

1 author:



[D.Z. Manenti](#)

University of Coimbra

5 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE

(*Smart*) *cities*: Plataformas de vivência experiencial; possibilidades e limitações estratégicas das cidades na contemporaneidade, uma reflexão sobre Cultura, Serviços, Valor humano e a Urbanidade

## Resumo

As recentes mudanças tanto nos aspectos atinentes a escassez de recursos, a conservação, as novas necessidades dos habitantes das cidades e o progresso das tecnologias informáticas tem impulsionado o aparecimento de novos questionamentos referentes a importância dos serviços, do valor humano e da cultura para valorização da qualidade de vida nas cidades. Surgem então, conceitos de cidades inteligentes, cidades que valorizam o conhecimento e zelam por aspectos concernentes a qualidade de vida e do ambiente social, somado a isso, as questões atinentes ao cuidado com sistema ecológico. Este estudo objetiva refletir, discutir e analisar estes aspectos e características que promovem a qualidade de vida, em sentido amplo. Busca interpretar as percepções e constatações empíricas e teóricas de forma a subsidiar uma ampliação do entendimento. Os resultados proveem elementos de reflexão embasada em interpretação do fenômeno das cidades na contemporaneidade de forma a analisar modelos conceituais e refletir modelos de desenvolvimento *smart* como uma possível alternativa de estratégia para as cidades.

Palavras chave: *smart cities concept*, cidades inteligentes, cultura, estratégia, urbanidade.

## Introdução

A cultura, em contraponto com a natureza, pode ser pensada enquanto uma construção humana do conhecimento. Há diferentes concepções de cultura, entretanto, esta ideia, parece englobar diversas perspectivas. Neste sentido, pode-se considerar cultura – o que se produziu de conhecimento, não só o que está registrado e presente na comunicação escrita, mas também os costumes dos povos, os entendimentos sobre moralidade, os comportamentos, a linguagem, a filosofia, a ciência e as artes; engloba, portanto, o tácito e o explícito. Reflete-se: afinal quem é o detentor deste conhecimento? É a humanidade. Disso emerge a importância do valor humano para a perpetuação da cultura e também evolução da humanidade nos aspectos de sua evolução e das cidades. Discutir a cidade como uma plataforma de vivência experiencial implica admitir alguns desafios e possibilidades. Este estudo pretende questionar e discutir alguns elementos contextuais que podem estar envolvidos no microcosmo das cidades, enfocando a cultura e o valor humano como elementos essenciais do desenvolvimento das cidades na contemporaneidade. Paralelamente analisa-se o papel das *smart cities* e congêneres, e as possibilidades as quais os idealizadores e a sociedade lhes atribuem. Segundo Anttiroiko (2013) há níveis de integração dos sistemas socioecológicos configurando graduações diferentes nos aspectos *smart citie concept*. Ou seja, cidades que reúnem este conjunto de características. O objetivo deste estudo é refletir sobre as limitações e as potencialidades das cidades perpassando pela análise das características que fundamentam a concepção *smart city* e congêneres.

## A cultura e a cidade

Começa-se a reflexão por uma questão relativamente simples. O que é cultura? Partimos do pressuposto que cultura é a criação humana, aquilo que está para além da natureza. Assim considera-se aqui a cultura como o conhecimento humano, e a construção do conhecimento humano. Sobre o conhecimento entende-se o conhecimento científico, filosófico, teológico, o oriundo da tradição e até o senso comum. Percebe-se, portanto, que a cultura não está desvinculada do elemento humano, e o humano é entendido como uma construção histórico-social. O elemento humano é o portador do conhecimento, por conseguinte, detentor da

cultura. Mas não só, uma vez que se pode considerar a cultura também como um produto do trabalho humano, por exemplo, a produção artística, da arquitetura, bibliográfica, e demais “produtos” do intelecto humano.

Em cultura, e em uma noção de cultura e pluralidade, percebe-se não haver uma concepção particular e única, válida para tudo e todos. E, assim, a cultura está vinculada ao indivíduo e a sociedade, as sociedades, assim como as peculiaridades na e da cultura. Está na maneira de ser, dito de modo simples. Além disso, a importância da cultura perpassa pelas questões de identidade de um povo, o que ele considera importante, e o que repete em seus hábitos e modos de conviver.

A cultura, do mesmo modo que a religião pode ter uma importância de elemento de ligação. As pessoas, de modo geral, parecem unir-se por elementos culturais. Fala-se aqui de união no sentido de convivência nas cidades. Assim, poder-se fazer uma reflexão sobre as artes, a gastronomia, os clubes esportivos, as associações e em muitas outras diversas organizações e grupos sociais dos quais há convivência. Nestes ambientes, e não só, perpassam elementos culturais que parecem dar sentido ao conviver. Este cenário reflete a visão do homem e das organizações. Seguidamente apresenta-se a visão do homem nas organizações, sob a perspectiva analítica das teorias organizacionais, com objetivo de subsidiar a ampliação da compreensão destes aspectos.

#### As teorias organizacionais e o humano

Desde o surgimento das teorias organizacionais e dos estudos das organizações e outras mais disciplinas que estudaram e estudam a visão do homem, podem-se estabelecer diferentes concepções deste campo de domínio. Nos primórdios do desenvolvimento da teoria organizacional, a abordagem clássica da administração considerava o homem um ser motivado por recompensas financeiras e econômicas, seguidamente a abordagem humanística fundou uma visão de homem baseada em recompensas sociais, um ser motivado por um sentido de pertencimento ao grupo social. Mais adiante, acreditou-se que o homem estaria inserido em um sistema do qual exercia uma função, era então uma visão funcional. Foi o neoclassicismo que fundou uma concepção de homem administrativo e mais adiante, depois de outras tantas concepções, pensou-se em uma abordagem capaz de abarcar a complexidade da natureza humana e seu papel nas complexidades dos ambientes, não só organizacionais, mas também sociais.

Considerando a perspectiva de análise que o homem é um ser complexo, e que portanto tem diferentes concepções e motivantes no fazer administrativo, há de se pensar também, sujeito a esta complexidade, o homem no espaço social. Se pensarmos em espaços do micro ao macro, podemos conceber o ser na família, como um primeiro espaço de convívio social, seguidamente, ampliando o foco de análise, podemos pensar o ser humano inserido em uma organização, em um grupo social vinculado a trabalho, ao esporte, a espiritualidade, a uma cidade, a um estado, nação, e finalmente uma visão de cidadão global.

O foco da análise deste ensaio é a cidade como um sistema social, como um espaço para o existir. E, o homem complexo inserido neste contexto. Assim, parece adequado apresentar o que os estudos organizacionais consideram em termos de conceito desta visão do homem.

O homem complexo é, pois um somatório, das visões do humano construídas no decorrer da evolução das teorias organizacionais. O que se considera como homem complexo é uma sobreposição da visão clássica, humanística, burocrática, neoclássica, sistêmica. Nisso parece culminar a teoria da complexidade e a noção de coexistência. Afirmando que as visões do homem coexistem e somam-se; de algum modo pode-se pensar em uma visão multifacetada, hora mecanicista, com motivações econômicas, hora mais humanísticas com motivações mais sociais e até emocionais. Há, portanto, uma visão não dualista, mas multifacetada e densa, situacional e não linear. Esta visão, logicamente transcende a lógica cartesiana de que o

comportamento humano é reativo a alguma determinada circunstância e tende a ser previsível e estável. Este conceito de complexidade atribuído ao sujeito parece também condicionado a um movimento organístico onde o comportamento e até a identidade assume uma característica de organicidade, de fluidez e de autodefinição não estática. É o caso das reflexões de Zygmund Bauman e a pós-moderindade líquida. No sentido de que a identidade tende a ser reconfigurada assim como evolui os desígnios da evolução ou mudanças sociais. A ideia do vir a ser e da capacidade de modificação dos afazeres diante da transitoriedade das certezas do trabalho, de alguma forma configura um cenário onde a busca por qualificação e mudança no sentido de aquisição de novas competências e habilidades para o trabalho e para o próprio existir humano parecem contribuir para a ideia de que o ser humano é capaz de “configurar-se”. Fala-se no sentido de construção curricular, inclusive. Além disso, a ideia de “vir a ser” pode ser pensada a partir de um currículo e até a aquisição de uma profissão ou competências. Afinal o que define o homem, no sentido ontológico, ainda parece ser o que se faz (o fazer humano).

A cidade enquanto espaço do existir humano é o ambiente ao qual se pode interagir no sentido de buscar conhecimento, para além do ensino formal, as cidades propiciam interações humanas, e, considerando a abordagem interacionista do aprendizado, por que não pensar a cidade como uma grande sala de aula. A partir disso, pode-se pensar que a coexistência das boas e más ações implica a necessidade de uma capacidade de filtragem de informações e práticas indevidas. A escola enquanto instituição e principalmente a família parecem ter uma precisão no auxílio às buscas pelo aprender mais efetivas e menos, digamos, poluídas. Neste sentido, mesmo que a cidade seja uma cidade aprendente e ensinante é o setor de ensino que continuará a marcar presença imprescindível nestes aspectos. A verdade é que a ubiquidade da internet tem permitido a ampliação das plataformas e possibilidades de aprendizado.

#### A cidade como plataforma de vivência experiencial

A cidade como uma plataforma de vivência experiencial, é também outra constatação que parece plausível. A cidade parece propiciar corriqueira e diariamente um conjunto de experiências, por exemplo, no ambiente do trabalho, que acabam por prover experiências de aprendizado. As capacidades de ser, de conviver e saber conviver, aprender a aprender; por meio da experiência vivencial é possível a promoção destes aprendizados. Muitas vezes a ampliação das perspectivas, antes restritas. Pode-se pensar aqui em experiências duais, positivas e negativas. Logicamente as experiências negativas talvez devam ser mitigadas e o que se deve valorizar são as experiências positivas, seja experiências de consumo ou de convivência, de modo geral, por exemplo.

Das experiências negativas e não naturais, ou seja, provocadas por maus elementos; os sistemas de segurança, jurídico exercem um papel importante no sentido de precaver, repreender ou punir. Das experiências positivas podemos pensar em todos os aspectos que envolvem as manifestações culturais, hospitalidade, associadas as atividades turísticas, educativas, laborais. Onde se valoriza o bem-estar e a promoção da felicidade da população. Há, evidentemente muita subjetividade envolvida nesta simples reflexão dualista destas dimensões, aqui uma muito breve aceção.

Por outro lado, a ideia da economia da experiência é algo fatídico, há negócios que propiciam verdadeiras experiências de consumo aos seus clientes. Nesta lógica de consumo a organização provê um ambiente e atmosfera propícia às experiências de consumo agradáveis, que vai desde os estudos de layout, aroma, *design service*, hospitalidade e em alguns casos algumas técnicas ao estilo “Estilo Disney”. Notadamente um estilo de atendimento e operação que tem funcionado muito bem, especialmente na América do norte para efeito de encantamento do cliente. Se pensarmos nos exemplos dos negócios Disney logo se compreende, cita-se aqui: Navios, *resorts*, filmes, restaurantes, produção de jogos, entre

outros. Um dos problemas a serem questionados é o fenômeno da “Disneyzação” onde a fronteira do real e imaginária parece cada vez menos clara. Por outro lado, parece haver uma associação clara à satisfação deste tipo de abordagem, quando bem direcionada, e em situações possíveis.

A generalização de práticas e de entendimentos está sujeita às condições que parecem essenciais, a serem consideradas. E é: não há possibilidade de generalização, ou seja, não é aplicável a todas as situações. Outro pressuposto necessário é: toda organização deve considerar a ética como condição essencial. De modo que não se podem aplicar as práticas a tudo e todas as pessoas, no sentido de que só parece aplicável em situações de consumo específicas, ou melhor, não se pode generalizar ou expandir esta prática para todas as situações, pelo contrário.

As *Smart cities* e congêneres: as cidades inteligentes, as cidades que aprendem e as cidades humanizadas.

De acordo com Cretu (2012) *smart city* é caracterizada com um ícone de sustentabilidade e habitabilidade das cidades. Envolve questões atinentes a boas práticas econômicas, de mobilidade, de zelo pelas pessoas, atmosfera da cidade, habitabilidade e governança. Pode-se ainda pensar aspectos de integração das informações e informe a cerca da dinâmica do funcionamento da cidade de forma integrada via sistemas de comunicação e dados. Permite uma verdadeira integração de todos os aspectos imaginados para tornar a vida humana mais integrada. Entretanto, há de serem questionados também os limites do uso dos dados na perspectiva do *ethos*. A concepção entendida de cidade inteligente funde-se em alguns aspectos, às concepções de cidades *smarts*, são cidades aprendentes e que utilizam modelos inteligentes de gestão da sua dinâmica.

A ideia de uma cidade humanizada valoriza a hospitalidade o bem-estar e uma convivência embasada em cuidado com a vida humana da coletividade.

Segundo Batagan, L. (2011) *smart cities* models representam um exemplo real do suporte para o desenvolvimento urbano que engloba, além destes aspectos citados um cluster educacional integrado, os sistemas de cuidado a saúde integrados, coleta de dados e gestão. Já as questões de sustentabilidade, para este autor envolvem o aumento da qualidade de vida, a vivência de acordo com os recursos ambientais, e o investimento no progresso tecnológico.

Um aspecto que parece fundamental, embasado nas ideias de Branchi et. al. (2014) é que as cidades precisam de cidadãos exercentes da cidadania, capazes de resolver problemas cotidianos apreendidos pela memória e experiência, estes autores mencionam e consideram esta uma atitude *smart*.

#### Desenho metodológico

Este trabalho tem o objetivo de refletir a respeito das cidades humanizadas, das *smart cities*, das cidades inteligentes e congêneres. Além de refletir sobre o seu papel enquanto promoção do desenvolvimento humano. Além disso, busca refletir sobre o pensamento estratégico e organizacional voltado a estes espaços urbanos e as questões de habitabilidade destes espaços. Discute-se o papel da criatividade e as tendências para as cidades, bem como os desafios, na contemporaneidade. Para isso contou-se com experiência do empírico, em uma abordagem comparativa entre as potencialidades e fragilidades de algumas cidades, buscando a compreender, para compor o quadro reflexivo-analítico deste estudo. A abordagem do fenômeno parece adequada ao possibilitar a reflexão e interpretação do empírico e buscar, de alguma forma ampliar a compreensão e interpretar o fenômeno do habitar na contemporaneidade, com o recorte de análise dos ambientes e urbanidades. A análise cuidadosa, buscando interpretar e compreender começou pela reflexão teórica e análise do ambiente de percepção. As elaborações são, portanto, formulações de busca de compreensão,

dos elementos teóricos e do próprio psiquismo e mecanismos de percepção, buscando um todo interpretativo. Neste caso, o texto busca refletir sob este conjunto, ora teórico, ora empírico, ora teórico empírico. Nalguns aspectos filosóficos noutro científico. Aproxima-se, portanto, ao campo da fenomenologia em administração, do turismo, da hospitalidade, da filosofia. Parece então transcender a categorização textual e lógica disciplinar, e sim privilegiar a fenomenologia enquanto compreensão do fenômeno e a sua interpretação, condicionada a uma abordagem perspectivista, transversal.

Discussões e reflexões a cerca dos desafios e potencialidades das cidades

Referindo-se sobre a cidade e competitividade; é mesmo necessário pensar a estratégia? O pensamento estratégico evoluiu ao longo do tempo e uma das abordagens possíveis é organizá-lo em escolas da estratégia. Mintzemberg tem mostrado que esta ideia é realmente aplicável e efetiva. Algumas convenções que tem se mantido ao longo do tempo, uma delas é que estratégia é utilizada para alcance dos objetivos organizacionais e para manutenção ou ampliação das estruturas organizacionais. Tem sentido amplo e pode ser utilizada tanto para efeitos pessoais, e também e principalmente para os efeitos organizacionais, extrapolando a utilização para estados, países e continentes. Uma das abordagens possíveis é buscar uma vantagem sustentável, um oceano azul de oportunidades, haja vista um dos clássicos do pensamento estratégico, o livro “A estratégia do oceano Azul”, outros clássicos como “On Competition”, a abordagem porteriana trata da competitividade das nações, entre outros aspectos, apresenta o modelo das estratégias genéricas e análises ambientais, Dito isso, e entendo a perspectiva de análise da estratégia, parece mesmo necessário pensar e repensar as cidades, levando em conta as suas situações particulares contextuais.

Mas afinal o que é importante, no sentido de pensar a estratégia para as cidades?

Parece que a preservação dos recursos naturais, a garantia da qualidade e quantidade destes recursos, como a água, decorrente e também muito importante às questões de saneamento. Preservação das reservas hídricas e estímulo a correta utilização. Os aspectos relativos a ecoeficiência, em sentido amplo, passando pelas questões de energia e a boa utilização da energia, as questões atinentes a sustentabilidade, ecologia, e energias renováveis parecem também ser aspectos basilares para manutenção da qualidade de vida nas cidades. Além disso, emerge a necessidade de tornar os espaços humanizados, a tão necessária valorização e cuidado do bem estar da população. Os projetos interdisciplinares que conjugam diferentes profissionais, como por exemplo, os da arquitetura, engenharia, humanidades, e áreas sociais aplicadas, entre outras, parecem conseguir um resultado mais próximo do ideal, justamente por compartilhar diferentes perspectivas e modelos mentais mais ampliados através da interdisciplinariedade.

No quesito bem estar da população um dos projetos que talvez possa contribuir para tornar as cidades mais próximas de um modelo *smart*, ou, e aproximar as cidades e bairros dos conceitos relativos a cidades inteligentes e humanizada talvez sejam os projetos relativos as questões de “caminhabilidade”. Mas afinal o que torna um bairro ou uma cidade caminhável? Diversos fatores, envolvendo questões econômicas, sociais, ambientais e até políticas. A caminhabilidade depende, entre outros fatores de segurança, estruturas de comércio e serviços, ou seja, a economia local, segurança, transportes, entre outros. Um material desenvolvido pelo escritório *Arup* de Londres desenvolveu um infográfico que contempla as principais questões, este material pode ser consultado *online*, vide nota 1 ao final do artigo

Competitividade e as organizações

A cidade e a competitividade em uma abordagem paradigmática funcionalista perpassam por muitos mais desafios, por exemplo, as questões econômicas de geração de emprego e renda, em épocas de baixo emprego, talvez sejam convenientes estimular o empreendedorismo, Por

outro lado a manutenção dos mecanismos de competitividade devem ser garantidos. É também o caso de manter forte o comércio e serviços, além da indústria. Possuem vocações naturais, algumas tendendo mais para indústria, outras para o setor de serviços e comércio. Estes aspectos vocacionais, e, sobretudo aqueles aglutinados à cultura, talvez mereçam um cuidado especial para sua permanência. Noutros aspectos parece adequado estimular a revitalização, novas ideias de forma de reinventar os setores e atividade. Desde o modelo de pouca intervenção do governo nos negócios, os próprios mercados tem uma capacidade de auto ajuste, em alguns aspectos. Isto é visto como algo favorável para a manutenção das estruturas econômicas. De outra forma, alguns outros setores parecem realmente vocacionados ao Estado. Algumas iniciativas que mixam parcerias público-privadas, da mesma forma parecem bem-vindas em algumas circunstâncias.

Outros aspectos como a segurança, a capacidade de regeneração de espaços subutilizados, a valorização e criação dos atrativos urbanos, a redução do ruído, eficiência dos transportes, os ecossistemas de serviços, a valorização da economia local, mesmo não dispensando a não local, também são aspectos que parecem relevantes para repensar a urbanidade.

O setor de ensino e também as instituições de fomento parecem desempenhar um papel, também muito relevante, no sentido de estimular a capacidade empreendedora e fornecer elementos informacionais (não só) que acabam subsidiando o desenvolvimento.

De forma um pouco mais abstrata e não menos importante a criatividade e a capacidade inovativa estão associadas a performance das organizações, justamente por permitir e ter potencial na resolução de problemas e sendo capaz de prover soluções e novos produtos, além da questão de renovação e aprimoramento dos serviços e produtos já estabelecidos.

O sentido de pertencimento e a felicidade na cidade parecem estar associados a questões atinentes a hospitalidade da população, a não segregação, o repúdio ao racismo, a não discriminação, a aspectos, de modo geral, subjetivos e outros de natureza mais tangível como é o caso das questões de estrutura ao exemplo do modelo de caminhabilidade. De modo que o estímulo a felicidade da população e a promoção do bem-estar talvez, e com um uma grande possibilidade de acuracidade, há associação destes aspectos ao aumento do sentimento de felicidade e bem-estar na cidade. Evidentemente, em alguns aspectos a felicidade parece ser um estado espiritual ou um estado da psique, da mente; entretanto, alguns aspectos considerados estruturais e algumas premissas parecem basilares para que as condições de bem-estar da população e o estímulo da felicidade e do sentimento da felicidade encontrem espaço ao desenvolvimento.

#### Limitações e possibilidades estratégicas

Ao referirem-se as limitações estratégicas das cidades na contemporaneidade, e tendo como referência as cidades brasileiras, podemos pensar na perspectiva dos gaps estratégicos. Por gaps podemos supor espaços, faltas, lacunas, então o recorte analítico aqui é: “o que é um gap estratégico para as cidades brasileiras”. Conclui-se que em primeiro momento há muitas cidades com gaps em saneamento, segurança, acesso a água potável (felizmente reduziu-se esta última carência) e em seu sentido mais ampliado a conservação do recurso hídrico, educação, e saúde. Depois, há também gaps no sentido de haver espaço para investimentos de fortalecimento das estruturas, talvez em prioridade as questões de mobilidade urbana, aspectos relativos à caminhabilidade, e promoção do bem-estar da população, no apoio a estruturas de promoção da felicidade para maior número de pessoas possível. As questões de hospitalidade e aquelas atinentes aos comportamentos humanos, talvez possam ser trabalhadas em formato educativo pelo design instrucional.

A cidade enquanto área para a sustentabilidade parece confluir com a abordagem mencionada até então. As questões de manutenção e desenvolvimento das estruturas econômicas, no sentido de fortalecimento do comércio, serviços e indústria; atinge o primeiro pilar, as



questões sociais e ambientais também parecem estar associadas uma vez que, se não houver preocupação com as questões sociais, parece que tampouco haverá zelo ambiental. E por outro lado, não havendo certa robustez econômica parece que também o consumo consciente e de produtos eco, de valor agregado, não terão espaço por agregar também maior custo, em alguns casos.

Pensar produtos e soluções que ajudem na economia de recursos sejam financeiros ou recursos naturais parece ser uma estratégia coesa para fazer frente as demandas da eficiência e ecoeficiência.

A ecoeficiência parece também supor que deva englobar a categoria das energias sustentáveis. Pensando em soluções desta espécie parece adequado figurar nas agendas para preparar as cidades do futuro. Nestes aspectos as alternativas que não agridem o meio ambiente e que tem, ao longo prazo, economicidade e eficiência parecem em princípio adequadas, e já há inúmeros exemplos de exitosa implementação. Muitas outras variantes, no que diz respeito ao custo de desenvolvimento e implementação bem como a relação custo-benefício e reduzida manutenção ao longo do tempo também parece que são aspectos relevantes a considerar, falando em todas as alternativas possíveis.

Os desafios da mobilidade em algumas cidades brasileiras são evidentes, a estratégia de multimodais, de agregar soluções ecoeficientes e, neste sentido, até de combustíveis renováveis e bio combustíveis tem sido implementadas em algumas ações. Há também algumas iniciativas, no sentido multimodal, de incluir VLTs, e bicicletas para além dos convencionais meios de locomoção. Os modelos de outros países podem fornecer subsídio para análise mais acurada no pensar as alternativas. Os profissionais de engenharia de mobilidade, e equipes multidisciplinares e sistemas políticos constituem suporte e proveem caminhos necessários à reflexão e implementação de soluções à medida que surge a necessidade ou onde já existe.

A estratégia de tornar as áreas urbanas e suburbanas mais acertadas nos aspectos da caminhabilidade poderia contribuir para a menor utilização dos transportes convencionais como ônibus e carros, por exemplo. Entretanto parece que a restrição da circulação entre bairro e centro não constitui uma alternativa viável, nem pelo aspecto legal. Talvez então, tornar mais atrativo, também os bairros periféricos, e aumentar o “índice” de caminhabilidade, talvez seja uma alternativa viável.

O enriquecimento da experiência do viver urbano perpassa também pela valorização da cultura, é evidente. Os aspectos estruturais referentes às condições de suporte a qualidade de vida ainda parecem ser, com segurança, os aspectos prioritários, é bem verdade. Por outro lado, a questão da hospitalidade, bem estar e felicidade parece requerer um passo adiante no sentido de ir além das questões básicas elementares, e nisso o desenvolvimento das humanidades e artes, e a cultura, de modo amplo, parece que ainda constituirão elementos chave para o sentido de pertencimento a uma sociedade a qual haja um sentido amplo de engajamento. É neste tecer que parece aproximar-se das características de *smart cities*. Isso tudo parece também pode tornar a cidade mais humanizada. Nisso pode estar um início de uma reflexão das cidades na contemporaneidade e, na possibilidade de prepará-las para o futuro. Mais do que apontar soluções, a ideia deste texto foi provocar discussão, reflexão e questionamentos.

Assim sendo, como sugestão de reflexão e pesquisa futura: 1) pesquisar para confirmação dos aspectos citados como fatores de desenvolvimento e sua ampliação em abordagem exploratória. 2) Testar a hipótese de que nas cidades com maior IDH, os aspectos característicos das *smart cities* são levados em conta de forma mais intensa. 3) Pesquisar como estão os municípios brasileiros em relação às características de caminhabilidade. 4) Até que ponto as cidades mais desenvolvidas economicamente tem melhor desempenho nos aspectos de humanização da cidade, da caminhabilidade e aspectos atinentes ao modelo *smart*? 5) Quais as possibilidades

e oportunidades para empreendedores? 6) E em que aspectos exatamente os modelos educativos poderão contribuir?

Estas novas pesquisas possivelmente poderão ajudar a esclarecer de forma mais precisa e holística como o conceito de *smart cities* pode prover uma alternativa de orientação do desenvolvimento futuro das cidades com o potencial de integrar novas tecnologias, sistemas social e ecológico.

#### Referências

Anttiroiko, A.; Valkama, P.; Bailey, S. *Smart cities* in the new service economy: building platform for *smart services*. AI e Soc. V.29. London, 2014.

Batagan, L.. *Smart cities* and sustainability models. Informática econômica. V. 15. n.3. Bucharest, 2011.

Branchi, P. ; Valdivielso, C.; Matias, I.. Analysis matrix for *smart cities*. Future internet. V.6. Pamplona, 2014.

Clarís, S., et.al, Arup, Relatório. London, 2016. Disponível em: Fonte <http://www.archdaily.com.br/br/796025/os-beneficios-das-cidades-caminháveis-para-seus-habitantes/57deb6bae58ecef8b4000163-os-beneficios-das-cidades-caminháveis-para-seus-habitantes>

Cretu, L.. *Smart cities* design using event-driven paradigm and semantic web. Informática econômica. V.16. n.4. Bucharest, 2012.

Kim, W.. A estratégia do oceano azul: como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

Mintzberg, H.; Ahlstrand, B.; Lample, J.. Safari de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Porto Alegre: Bookman, 2000.

Porter, M.. On Competition. The Harvard business review book séries, 2008.

Nota: a Figura que fora mencionada no texto – Aspectos que tornam os lugares caminháveis, fonte: Escritório Arup London, poderá ser consultada no site web indicado na referência bibliográfica referida.